

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

10 e 21 de Outubro de 2020

POUR MÉMOIRE / 1987

um filme de DELPHINE SEYRIG

Realização, Comentário: Delphine Seyrig *Fotografia:* Frédérique Gros, Anne Faisandier *Misturas:* Mona Filieres, Claire Atherton *Arquivos:* Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir.

Produção: Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (França, 1987) *Cópia:* Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, DCP (a partir do original vídeo em Umatic), cor, legendada electronicamente em português, 11 minutos *Inédito em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY / 2019

um filme de BABETTE MANGOLTE

Um filme de: Babette Mangolte *Com:* Delphine Seyrig, Stella Foote, Claire Wolverton, JJ Wilson, Duncan Youngerman, Julia Lynn Trotta (leitura de *Calamity Jane's Letters to her Daughter*, 1976) *Colorista:* Eric Salleron *Misturas:* Fred Commault *Assistente de montagem:* Tara Brown | *Filme 16 mm, rodado em 1983 – Realização e produção:* Delphine Seyrig *Fotografia:* Babette Mangolte *Assistente de câmara:* Mark Daniels *Registo de som:* Helen Kaplan *Rodagem 2018/2019 – Realização, Argumento, Fotografia:* Babette Mangolte.

Produção: Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (França, Estados Unidos, 2019) *Produtora:* Babette Mangolte *Cópia:* Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, DCP, cor, falada em inglês e francês, legendada em francês nos diálogos em inglês e electronicamente em português, 87 minutos *Estreia Mundial:* Março de 2020, no Cinéma du réel, Paris *Primeira exibição em Portugal.*

NOTA

A sessão de 10 de Outubro é apresentada por Nicole Fernández Ferrer, directora do Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir.

De 1987, POUR MÉMOIRE foi o último filme realizado por Delphine Seyrig, em tributo a Simone de Beauvoir, sua amiga e cúmplice de combate nos anos 1970. CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY é o mais recente filme de Babette Mangolte, amiga e companheira de trabalho de Delphine Seyrig, desde a rodagem de JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES (1975) de Chantal Akerman, em que se conheceram nos papeis de directora de fotografia e actriz. É à memória de Delphine que Mangolte dedica este seu filme, retomando um projecto que envolveu as duas como realizadora e directora de fotografia no início da década de 80, quando Seyrig leu as *cartas* com que Mangolte já se havia comovido anos antes.

Evocar a militância feminista em França nos anos 1970, época da efervescência da “segunda vaga” do movimento, implica desde logo Simone de Beauvoir, autora de *O Segundo Sexo* (1949), que retoma escritos já publicados em *Os Tempos Modernos* de 1945 e ficou historicamente associado ao surgimento dessa segunda vaga do movimento a partir de França e dos Estados Unidos em finais da década de 1960. “O novo feminismo”, ouvimo-la dizer em POUR MÉMOIRE, surgiu quando as mulheres tomaram consciência de que “não bastava lutar ao lado dos homens por um mundo melhor. Era preciso que lutassem entre mulheres contra a repressão.” Simone de Beauvoir foi também autora e

subscritora do célebre *Manifesto das 343*, publicado em Abril de 1971 no *Le Nouvel Observateur* reunindo outras tantas signatárias (“carinhosamente” rotuladas como “343 salopes”) que declararam ter abortado num acto descrito como de desobediência civil. Delphine foi ter com ela quando teve a ideia de criar um centro audiovisual que fosse simultaneamente um promotor da produção vídeo militante e um arquivo, procurando uma caução ao projecto então absolutamente pioneiro. Conseguiu-a. Fundou o centro em 1982, com Carole Roussopoulos, que a iniciou nas lides do vídeo, e Iona Wieder, sua amiga de longa data. As três e Nadja Ringart formavam o núcleo das *Insoumuses*, as musas insubmissas que começaram como colectivo feminista *Les Muses s’amusent*. E divertiam-se enquanto brandiam as suas convicções e davam largas ao pensamento – vejam *MASO ET MISO VONT EN BATEAU* (1976, sessão no próximo dia 13).

POUR MÉMOIRE foi filmado um ano após a morte de Simone de Beauvoir, arrancando, para memória futura, pela iniludível voz *off* de Seyrig no cemitério de Montparnasse no longo travelling que se detém diante do seu túmulo, notando a frescura das flores aí depositadas. É ainda sobre a imagem em grande plano colorido das flores que começamos por ouvir a voz de Beauvoir. A narração *off*, excertos dos discursos de Beauvoir, a leitura de mensagens de reconhecimento pelo seu combativo percurso de vida (outras *cartas*, as faixas escritas em várias línguas, de mulheres e grupos de mulheres), as imagens da homenagem que lhe foi calorosamente prestada em 1986 dão prova da importância do legado. Organizado a partir destes diversos materiais com um olhar atentamente cinematográfico, o pequeno filme de 11 minutos fixa-se por fim na lápide que acolhe os nomes de Beauvoir e Jean-Paul Sartre.

Não se fica indiferente à leitura das *Calamity Jane’s Letters to Her Daughter*, publicado em 1976 por David Cormick como o diário escrito à filha por Martha Jane Canary-Burke (1852-1903), baptizada com o nome da lenda da pioneira do Oeste americano Calamity Jane. Calamidade – em português soa à voz de Maria do Céu Guerra, no espectáculo encenado na Barraca em meados dos anos 1980, só ela em palco, o texto das cartas e ela a cantar “Todos me chamam Calamidade”. Calamity Jane havia de apaixonar-se por “Wild” Bill Hickok em 1876 quando se fixou em Deadwood, nas Black Hills de South Dakota. A história é contada em *CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY*, que igualmente sinaliza a polémica envolta na autoria das cartas, que muitos atribuem a uma data mais tardia situando-a nos anos 1930. Não é o ponto. Nem é essa a verdadeira história do filme de Babette Mangolte, que antes parte da comoção sentida por Delphine Seyrig quando leu o livro em França, empenhando-se desde então em realizar um filme a partir dele.

Foi um projecto com que Delphine se debateu e quis intensamente filmar, quando muitas dúvidas depois Chantal Akerman a sossegou incitando-a a realizá-lo. “Your way is the way to do it.” Em 1983, partiu para os Estados Unidos e filmou material em 16 mm em Montana com Mangolte, que conhecia desde a rodagem de *JEANNE DIELMAN* de Akerman, e que por sua vez já conhecia e admirava o livro, lido por altura da preparação de *THE SKY ON LOCATION* (Mangolte, 1982). O filme nunca foi feito, o material foi arquivado e só resgatado no século XXI pelo filho de Delphine, Duncan Youngerman, e por Nicole Fernández Ferrer que, em 2011, propuseram a Mangolte que voltasse a olhar para as imagens esquecidas de *Calamity*, para cartas de Seyrig, um storyboard, as várias versões do argumento, incluindo o posterior à rodagem de 1983, trabalhado entre 1984 e 86 com Etel Adnan, que indicaria uma mudança de rumo relativamente à ideia inicial que pressupunha a encenação de cenas das cartas com Seyrig no papel de Calamity, e com Carole Roussopoulos e Sami Frey no elenco.

CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY corresponde então, por sua vez, a um processo longamente reflectido que integra a montagem do material de 1983 e uma nova rodagem de 2018/19. É a história construída por Babette Mangolte com esse material e as suas reflexões, em memória da atriz-realizadora. É um belo filme de correspondências, em que encontramos o espírito de Seyrig e as imagens americanas de Mangolte, a sensibilidade das duas numa teia de escritos e relações maternais-filiais. Às cartas de Calamity Jane à filha dada para adopção, que depois disso só viu duas vezes em vida, *responde*, no filme, uma carta de Delphine ao filho lida por este. É a correspondência mais evidente, num mapa de várias outras mais subtis ou mais secretas. *Don't block doors*, lê-se pichado nas paredes do fundo do plano que mostra Delphine, pensativa, dentro de um grande carro durante a viagem-rodagem de 1983, um belo plano Mangolte como os de Seyrig reflectida nas vidraças de um café, num quarto de hotel rodeada por manuscritos espalhados no chão, à janela em imagem solitária e nocturna. São contrapontos a solo com os planos dos encontros que mantêm em Montana perseguindo o rasto da bela narrativa da filha de Calamity Jane, eles próprios devolvendo um extravagante retrato da bizzaria americana.

Babette Mangolte conta na primeira pessoa os meandros do processo de oito anos do filme e da elipse de décadas, num muito recomendável texto que escreveu para a sua estreia em Paris, há uns meses, no Cinéma du réel (*Genèse de Calamity Jane & Delphine Seyrig: A Story*). É possível pescá-lo em linha, e a leitura não é apenas fertilmente informativa mas sensivelmente pessoal, o testemunho de uma amizade e mais que isso, uma reflexão em torno do trabalho artístico. *O que é ser contemporâneo?* A questão ocupava Mangolte por volta de 2011, embrenhada em textos, instalações, outros projectos, e o seu reflexo bate neste filme concluído em 2019 em revisitação a 1983. A chave da sua construção é dada por Mangolte: um monólogo interior de Delphine Seyrig. Citemos:

“Tentei realizar uma montagem do filme em 16 mm que nos permitisse passar da realidade à ficção, e depois da ficção para um outro mundo, o do imaginário. Nesse mundo, encontramos pessoas carismáticas como Calamity Jane e a sua filha. Além disso, em 1983 tive a oportunidade de filmar uma sequência em que Delphine nada mais faz que reflectir no que pode fazer em seguida. De ter encenado uma cena com ela dentro do seu automóvel, perdida nos seus pensamentos, ou num café a ler a correspondência de Calamity Jane, ou ainda de manhãzinha no seu quarto de hotel. Isso permitiu-me, no final de Agosto de 2019, construir o monólogo interior de Delphine. Neste monólogo interior, ela sabe o que vai fazer. O filme devia tratar precisamente disso: não renunciar. Era a grande força de Delphine.”

No começo, temos sequóias. O prólogo com a investigadora veterana JJ Wilson, especialista em Virginia Woolf, leva-nos ao feminismo e às bibliotecas. JJ Wilson conta uma bela história passada em Deadwood quando aí foi pesquisar arquivos acerca de Calamity Jane onde nada descobriu e o marido que a esperava na rua conheceu um homem que lhe falou dela. Nos mitos inspirados por pessoas e histórias verídicas podem encontrar-se verdades. É uma outra pista para ver a história de Calamity Jane e Delphine Seyrig por Mangolte.

Maria João Madeira